

O Trabalho e a Morte

Análise Crítica do filme “O Trabalho de Necropsia (2017)”

Bruno Roberto Guimarães



O vídeo “O trabalho de necropsia” apresenta a experiência de quatro trabalhadores que atuam como ‘técnico de necropsia’ no SVO (Serviço de Verificação de Óbitos) da FAMEMA (Faculdade de Medicina de Marília). O SVO trabalha apenas com mortes naturais, diferente do IML, que trabalha com mortes que ofendem a integridade física de uma pessoa, como lesões, acidentes, disparos com armas de fogo; em geral são mortes consideradas violentas – como bem explica o primeiro trabalhador apresentado no vídeo, o Senhor Geraldo.

Geraldo, que em 2017 estava com 63 anos de idade, atuava há 11 anos no SVO e trabalhou também no IML, completando aproximadamente 30 anos de atividade profissional. Quando questionado sobre a relação entre trabalho e morte, disse:

Cine Trabalho

“Você mexer com morte não muda nada, é uma profissão como qualquer outra. Às vezes lidando com isso você vai dar muito mais valor e vai compreender muito melhor a palavra ‘morte’”. E vai além: “Lida não só com a morte, mas com os familiares, com a dor (...) a ideia de que o profissional que trabalha com isso se torna insensível é pura balela. A relação que cada um tem com a morte é meramente individual, a morte é a mesma para quem trabalha com ela e para quem não trabalha com ela, não muda nada, ao menos para mim. Eu abrir um cadáver é o mesmo que eu riscar uma folha, se eu ficar misturando sentimentos eu vou deixar coisas importantes para trás.”

Importante ponderar que Geraldo, e todos os outros três trabalhadores, acreditam em Deus e não excluem a ideia de uma vida após a morte.

O segundo trabalhador, Roger de 36 anos de idade, afirma que seu trabalho como técnico de necropsia foi um “desafio”, e que “Apesar de ser da área da saúde, a relação com a morte nunca será uma coisa boa, a perda, os familiares... Me sinto impotente e despreparado diante da morte, porém privilegiado por saber que um dia acaba.” Compreende seu trabalho como um privilégio em que mesmo lidando constantemente com a morte, é ela que o faz sempre aperfeiçoar-se. Foi o único que elaborou uma crítica ao sistema público de saúde, relatando haver muitas Mortes desnecessárias, devido ao péssimo trabalho de prevenção e tratamento de doenças. Há uma comoção, como há em todos os quatro, pela perda sentida pelos familiares e com o falecimento de crianças.

O terceiro trabalhador é Wagner, de 50 anos, há seis anos no ramo de técnico de necropsia, tendo já trabalhado como perito na polícia. Acaba por conciliar sua atividade profissional com o discurso religioso, apresentando uma definição do que, segundo ele, aconteceria com a vida após a morte: “Quando você falece você simplesmente fecha os olhos; pode se passar mil anos, para você é um piscar de olhos, sua consciência para naquele momento e aguarda a volta de Jesus. Após a volta de Jesus você volta, tanto pro bem quanto pro mal, a depender para que sua vida foi voltada.” Wagner reforça que deve haver um “distanciamento emocional” no trabalho, para que você não “carregue muita coisa com você”; reforça também sua infelicidade ao receber crianças em sua atividade profissional.

O quarto e último trabalhador chama-se Jurandir, de 42 anos. É secretário no SVO e em 2011 fez o curso de técnico de necropsia. Parece animado ao falar de seu trabalho, relatando sua primeira experiência como “curiosa”: “Para fazermos o procedimento de fechar o paciente a gente levava a agulha bem longe do corpo e trazia de volta, quando eu estava trazendo de

Cine Trabalho

volta a linha pegava na mão do paciente. Fiquei em uma situação que precisava fazer alguma coisa para poder terminar o procedimento. Eu percebi que naquele momento eu deveria tratar o paciente com todo respeito, e eu conversei com o paciente que estava em óbito, eu disse: olha, toda hora que a linha ta vindo perto do corpo ta pegando na sua mão, então com todo respeito, eu vou pedir ajuda sua e licença que eu vou colocar sua mão debaixo da sua costa para eu conseguir terminar o procedimento, ta bom? Então eu conversei com o paciente e coloquei a mão debaixo das costas dele, terminei o procedimento e agradei.’’ Jurandir diz que é necessário ter respeito pela memória do morto, ou como ele próprio o chama, de ‘‘paciente em óbito’’.

Uma vez relatado o discurso dos quatro trabalhadores, faremos agora uma breve análise sociológica, para situarmos esses discursos em categorias de análise.

São todos concursados e trabalham em uma instituição pública, ou seja, o Estado os remunera na forma de salário pelos trabalhos prestados. É o emprego a manifestação histórica da categoria trabalho, que por sua vez encontra lastro nos meios de produção. São eles trabalhadores proletariados, por estarem diante da lógica capitalista da ‘‘descartabilidade do humano’’. São esses trabalhadores que lidam com o material cadavérico-descartável que retorna na forma de lucro para aqueles que conduzem o ‘‘mercado da morte’’, sendo inclusive esse mesmo mercado que acaba por remunerá-los, tendo em vista que o Estado não é o ‘‘Estado da Classe Trabalhadora’’.

É uma lógica infinita e contraditória, em que é necessário empregar Trabalho-Vivo para lidar com o Trabalho-Morto que retorna na forma de ‘‘Trabalho-Morto-Do-Vivo’’; é a mercadoria viva que trata da análise da mercadoria morta para que seja tornada novamente mercadoria pelos ritos de passagem, como velório e todos os demais processos fúnebres; é o cadáver o tempo de trabalho gasto que transporta mais tempo de trabalho vivo para aqueles que o cuidam, cujo excedente deste processo de acumulação é absorvido pelo ‘‘mercado da morte’’.

A formação técnica certamente atrapalha esses trabalhadores a enxergarem a condição de exploração desumana e terrível na qual se encontram. Quando todos os trabalhadores falam em ‘‘distanciamento das emoções’’, não é somente esse um discurso para a ‘‘boa saúde mental’’, mas um discurso ideológico; a intenção é ocultar as relações horripilantes – e uso desta palavra por não encontrar em meu vocabulário expressão pior – que estão por trás de seu ofício. A morte para esses trabalhadores é dissociada de fatores históricos e reflexões sobre o meio social

Cine Trabalho

da qual ela surge, o máximo de crítica que houve foi “o sistema público de saúde não funciona direito”.

A consciência da morte é apresentada pelos trabalhadores como algo “individual”, quando na verdade ela é efetivamente coletiva e histórica; o lastro dessa consciência está nos meios de produção, conseqüentemente sua superação também. Dar fim ao mercado da morte que transforma a tragédia-de-todo-dia em lucro, é algo possível de ser realizado caso haja engajamento político/social, e para isso necessário romper com o individualismo atomizador.